

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

O horizonte de Ciro

Ciro Gomes não briga com os fatos – “numa escala de zero a 100, tenho cinco de chance” –, mas também não entrega os pontos. “Meu objetivo tático continua sendo ultrapassar o Lula e, se eu chegar no segundo turno, ganho a eleição porque o *mood* da população com o Fernando Henrique não é o amor, mas aquela sensação de que não tem tu, vai tu mesmo”, diz, certo de que o candidato do PT cairá mais alguns pontos na preferência popular e que, na reta final, os institutos de pesquisas farão uma conta de chegar que refletirá o que ele, com 49 dias ininterruptos de comícios, anda vendo pelo país.

“Embora queiram me empurrar para fora, estou entrando na prateleira de opções com uma imagem muito positiva. Enquanto as pessoas estão absolutamente fartas do Fernando Henrique, não gostam dele mesmo, eu não tenho rejeição, estou em primeiro lugar entre aqueles que me conhecem e não vejo por que esse público que me recebe tão bem não pode, na hora H, fazer de mim sua alternativa.”

De certa forma, justifica-se o ânimo de Ciro. Ontem, enquanto ele tomava café da manhã num hotel em Brasília, oito hóspedes deram-se ao trabalho de se aproximar para saudá-lo e outros três acenaram de longe desejando boa sorte. “A melhor opção da esquerda”, cumprimentou um rapaz.

“O correto seria dizer da centro-esquerda”, comentou Ciro depois, engatilhando raciocínio a respeito da concepção presente e futura de sua candidatura. Que tem dois objetivos: um eleitoral e outro político.

O primeiro está sendo cumprido agora na disputa. Para não sucumbir à avassaladora predominância de Fernando Henrique, Ciro adota psicologia de vencedor, “com calma, serenidade e humildade suficientes para estar preparado caso a oportunidade se apresente”. Que fatores fariam surgir essa oportunidade, Ciro concorda que muito poucos além do imponderável.

Por exemplo, um estouro geral na economia resultante da crise mundial e uma brutal queda de credibilidade do presidente como o piloto da recuperação.

De qualquer forma, o candidato do PPS reconhece que o desempenho mostrado pelas pesquisas não corresponde à expectativa que tinha no início do ano. "Aquele mês de maio em que o Fernando Henrique caiu e o Lula empatou me liquidou. A polarização entre os dois foi evidentemente fabricada, perdi terreno porque o debate foi ocupado por um movimento eleitoral inexplicável que inflou a candidatura de Lula, fez reacender o medo dele e consolidar a impressão de que a derrota de Fernando Henrique levaria o país necessariamente para as mãos do PT."

O segundo objetivo da campanha, o político, permite agora poucas antecipações de cenários. Primeiro, porque obviamente Ciro Gomes não é tolo de discutir em plena campanha o que fazer no *day after* da derrota.

O segundo motivo pelo qual Ciro Gomes não desce a detalhes a respeito do futuro é que tudo dependerá de que perfil terá a oposição frente ao resultado das urnas e como cada uma das forças envolvidas no processo se comportará.

"O que sei é que tanto o petismo quanto essa aliança de centro-direita que sustenta o governo estão em franca decadência. Ao esmigalhar a oposição, Fernando Henrique criou um ambiente propício ao impasse e evidentemente não será possível atravessar os próximos quatro anos nessa mesma situação."

O que Ciro quer com sua candidatura – e acha que isso já conseguiu ao colocar o PPS em terceiro lugar – é criar um "novo vetor" político alternativo ao quadro atual. "Vamos nos credenciar na interlocução com o governo e fazer o que não foi feito nos últimos quatro anos, que é a construção de uma oposição legitimada pela demanda da sociedade e que seja mesmo alternativa séria de poder."

Em que companhias, Ciro acredita que ainda seja cedo para dizer. Depende, por exemplo, de que rumo tomará o PT. Ele acha que o racha é inevitável, mas que a hegemonia não está definida. Se vencerem os chamados moderados e ficarem donos da sigla, Ciro vê uma possibilidade concreta de atuação conjunta.

Se os radicais prevalecerem, ele acredita que os outros saem e podem vir até se juntar a ele e seu grupo num novo partido. "Temos de ver também para onde vão o PSB e várias de suas lideranças como Ronaldo Lessa (favorito para o governo de Alagoas) e Célio de Castro (prefeito de Belo Horizonte)."

E ainda tem o PSDB que, na opinião de Ciro, sai da eleição "aos frangalhos" e que também poderia fornecer matéria-prima para essa formação de centro-esquerda.